

BERNARDO SANTARENO

OBRAS COMPLETAS
4.º VOLUME



PORTUGUÊS, ESCRITOR,
45 ANOS DE IDADE
OS MARGINAIS E A REVOLUÇÃO
TRÊS QUADROS DE REVISTA
O PUNHO
[POSFÁCIO]



ORGANIZAÇÃO, POSFÁCIO E NOTAS
DE LUIZ FRANCISCO REBELLO

CAMINHO

Título: Obras Completas — 4.º volume

Autor: Bernardo Santareno

Capa: Delgado Godinho

**Orientação gráfica: Secção Gráfica
da Editorial Caminho**

**Revisão tipográfica: Secção de Revisão
da Editorial Caminho**

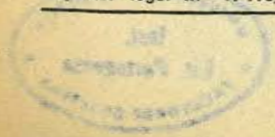
**© Bernardo Santareno e Editorial Caminho, SA
Lisboa, 1987**

Tiragem: 3000 exemplares

Composição e impressão: Guide - Artes Gráficas, Lda.

Data de impressão: Dezembro de 1987

Depósito legal n.º 17 776/87



BERNARDO SANTARENO

OBRAS COMPLETAS
4.º VOLUME



*PORTUGUÊS, ESCRITOR,
45 ANOS DE IDADE*

*OS MARGINAIS E A REVOLUÇÃO
TRÊS QUADROS DE REVISTA*

*O PUNHO
[POSFÁCIO]*



*Organização, posfácio e notas
de Luiz Francisco Rebello*

CAMINHO

**OS MARGINAIS
E A REVOLUÇÃO**

Quatro peças em 1 acto

1.ª edição, 1979 (Ática).

RESTOS

Representada pela primeira vez em 14 de Junho de 1979 pela Seiva Trupe, numa encenação de Júlio Cardoso, com cenário de José Rodrigues, e a interpretação de Estrela Novais (Misu) e Rui Madeira (Tó Mané).

A CONFISSÃO

Representada pela primeira vez em 19 de Janeiro de 1980 pela Seiva Trupe, numa encenação de Júlio Cardoso, com cenário de José Rodrigues, figurinos de Rosa Ramos e a interpretação de Rui Madeira (Françoise), António Reis (Confessor), Estrela Novais (Mulher) e Josefina Ungaro (D. Filipa).

MONSANTO

Texto escrito para a revista *P'ra Trás Mija a Burra* (com o título *O Senhor Silva*) mas não utilizado então; incluído com o título *Na Berma do Caminho* no espectáculo colectivo *Ao Qu'isto Chegou*, estreado pelo grupo A Barraca em 12 de Dezembro de 1977, numa encenação de Augusto Boal, com a interpretação de Paula Guedes (Amélia), Manuel Marcelino (Sr. Silva) e Luís Lello (Zé Grilo).

VIDA BREVE EM TRÊS FOTOGRAFIAS

Ainda não representada.

Monsanto

CENÁRIO: *Uma árvore, um candeeiro de iluminação pública e uma placa de sinalização onde se lê: «PARQUE DE MONSANTO». É noite. Luz do candeeiro.*

(Entra o Sr. Silva. Traz uma mala, pequena, de viagem. Observa o local. Passos indecisos, expressão grotesca de menino-velho assustado. Olha fixamente para a árvore. Procura ver e ouvir para lá da zona iluminada. Silêncio. Poisa a mala junto da árvore. Tira o lenço e limpa o suor angustiado da fronte e da careca. Vai sentar-se em cima da mala, mas desequilibra-se e cai. Fica sentado no chão, aflito, com as pernas abertas e os braços cruzados diante do rosto em atitude de defesa. Acentua-se o ridículo da personagem. Descruza os braços e deixa-os cair abandonados. Faz «beicinho», num jeito infantil de chorar. Contempla outra vez a copa da árvore. Suspira. Levanta-se desastradamente e põe-se de joelhos. Olha em redor, hesita. Decide-se e abre a mala. Tira uma corda longa e experimenta a resistência da cabeçada já feita numa das pontas. Ensaia, vê se a cabeça passa no nó aberto. Com a corda ao pescoço, tenta compor a expressão de «mártir». Tristeza de palhaço engraçado. Levanta-se, tira a corda do pescoço e lança a outra ponta sobre um ramo da árvore. Calcula a altura, faz uma laçada. Fecha a mala e torna a equilibrar-se em cima dela. Põe a cabeça dentro do nó. Vai enforcar-se. Cada vez mais aflito, chora alto e sufocadamente como um menino.)

ZÉ GRILO *(no escuro, invisível ainda):* Vai, ou não vai? *(O Sr. Silva fica transido, protegendo-se com ambas as mãos agarradas à corda. Aparece Zé Grilo: meio vagabundo, meio operário das obras, meio chulo velho.)* Deixe-se de fitas. Saia daí! *(O Sr. Silva faz que não com a cabeça, sempre protegendo-se com ambas as mãos enclavinhadas na corda.)* Então enforque-se. Eu respeito. *(Uns*